

MARIA DO CARMO BARRETO CAMPELLO: TRAJETÓRIA E REPRESENTATIVIDADE DE UMA POETISA RECIFENSE

Bruna Caroline da Silva[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

Resumo
As mudanças sobre as narrativas biográficas trouxeram um importante papel para a construção de um conhecimento incluso na história contemporânea. No que se refere à biografia feminina, o estudo se torna uma forma de trazer visibilidade e reconhecimento de mulheres historicamente apagadas. Desse modo, o objetivo principal do trabalho é apresentar a poetisa Maria do Carmo Barreto Campello, grande intelectual nordestina, sendo uma figura marcante no contexto literário local. Ela nasceu na cidade do Recife em 21 de julho de 1924 e falece em 23 de julho de 2008; passou sua infância entre o a capital pernambucana e a cidade do Rio de Janeiro, onde teve fortes influências eruditas e católicas. Entrou para a Academia Pernambucana de Letras em 1982, ocupando a cadeira número 29. Profissionalmente atuou como professora, jornalista e técnica em comunicação social na SUDENE. Suas obras se fundamentam a partir de crenças, pilares religiosos, mulheres, sentimentos e natureza. Mesmo tendo contribuído para ricamente para literatura pernambucana, tornou-se esquecida no meio intelectual, dessa forma, acreditamos ser necessário discutir e problematizar tal invisibilidade. Como aportes teóricos-metodológicos utilizamos as discussões sobre biografia e gênero propostas pelas historiadoras Margareth Rago, Mary Del Priore e Joan Scott.

Palavras-chave: Gênero. Biografia. Intelectuais.

Introdução

Acreditamos que a realização do estudo biográfico sobre a escritora Maria do Carmo Barreto Campello de Melo poderá contribuir para dar uma maior visibilidade a uma figura marcante, que além de sua contribuição literária no contexto pernambucano, foi reconhecida por muitos como uma das mais importantes poetisas pernambucanas na contemporaneidade.

[1] Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. Bolsista PIBIC-UNICAP. E-mail: brunca1011@gmail.com.
[2] Docente do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.



Levando em consideração que as construções biográficas se alastram ao longo do tempo como prática eminentemente masculina, além do fato de muitas mulheres não falarem sobre si mesmas, entendemos a importância de recuperar ícones femininos que tiveram o devido destaque social, em que, muitas não são reconhecidas e sim silenciadas, sendo dessa forma, necessário a construção de narrativas biográficas para a construção de uma memória coletiva. Nesse trabalho, propomos analisar alguns traços biográficos da poetisa, suas contribuições para o contexto literário pernambucano, através de algumas fontes, entre elas, os depoimentos de seu filho Carlos Alberto Barreto Campello de Melo e, do seu aluno, Eduardo Gomes da Silva, que mais tarde se torna amigo e companheiro profissional. As falas destes demonstram que a memória dessa imortal continua viva.

Aqui, o uso da oralidade, entrevistas, contribuiu para o entendimento da vida de Maria do Carmo e sua relação com a família, amigos/as, particularidades, perspectivas acadêmicas e costumes, sendo tomadas como fontes para a compreensão do passado. Segundo a historiadora Verena Alberti, a história oral é um modo de pensar que o vivido é lembrado de forma diferenciada por cada indivíduo, no qual, ao contar algum acontecimento atribui para diferentes configurações, seja de importância ou perspectiva (Cf.: ALBERTI, 2004a, p. 23).

Contudo, acreditamos ainda, que para o desenvolvimento dessa pesquisa, seja importante atentarmos para os estudos de gênero e biografia como categoria de análise histórica, como nos mostram as historiadoras Joan Scott, Margareth Rago e Mary Del Priore. Mulheres são negadas a autonomia e a subjetividade necessárias para o trabalho histórico e literário, muitas ficam à mercê e as sombras dos homens. “A história das mulheres narra e revela uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento” (TEDESCHI, 2016, p. 155). Dessa forma, entendemos a importância do trabalho biográfico, pois, na cena literária e historiográfica, a escrita produzida por mulheres sem esteve e continua convivendo com o ocultamento que trouxe consequências praticamente irreparáveis.

A importância sobre o estudo biográfico feminino

O estudo biográfico começou a ser realizado na Grécia Antiga. Passou por alguns períodos em um quase esquecimento, passando a ser fortemente revivido no século XIX. No início do século XX, era praticamente ignorado pelos/as



historiadores/as, compreendido como um gênero ultrapassado. Contudo, no final deste mesmo século, mais precisamente entre os anos 1970 e 1980, observamos o fim desta rejeição sobre a biografia. De acordo com historiadora Mary Del Priore, o historiador Jacques Le Goff, pode ser colocado como um grande exemplo no que se refere à reinvenção biográfica, ela afirma que: “Segundo Le Goff, a introdução do gênero biográfico na história atual é um instrumento útil e suplementar usado pela História Cultural. É uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios” (DEL PRIORE, 2010, p. 79).

As abordagens iniciais relacionadas à ação e luta feminina aparecem na biografia de mulheres notáveis que se destacaram no campo da política, cultura e religião. Nas críticas de algumas feministas de fins século XIX e início do XX, os olhares masculinos selecionavam seus personagens femininos pela beleza e riqueza (ZIMERMANN; MEDEIROS, 2004, p. 35).

Nas últimas décadas do século XX, vemos alguns avanços no que se refere aos estudos biográficos e no seu reconhecimento histórico, no entanto, se fazia majoritariamente no território masculino. A historiadora Joan Scott alertou sobre a necessidade de considerar a existência de uma história aque aborde a noção de representação e dominação do poder desigual da história dada pela dominação masculina. São os homens que formulam as regras, que organizam questões sociais, estabelecem fronteiras etc. As menções destinadas as mulheres seguem de acordo com apropriações daquilo que seria feminino, sendo virtuosas e belas. Escritos sobre grandes homens, colocados como heróis são valorizados. Dessa forma, o acesso feminino se torna praticamente limitado (Cf.: SCOTT, 1995).

Ainda segundo ela, o conceito de gênero pode ser dividido em duas proposições. A primeira traz o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” que abarca quatro elementos inter-relacionados: os símbolos culturalmente disponíveis; os discursos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos; as organizações e instituições sociais e a identidade subjetiva; já a segunda preposição, define o gênero como “uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (Cf.: SCOTT, 1995, p. 86-88).



A pressão social sobre os comportamentos e o lugar das mulheres, sobretudo, frente à questão da intelectualidade, também faz parte do universo masculino. Para isso, atribui à importância do estudo de ambos os sexos na questão que envolve o ser feminino ou masculino. “A ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino” (SCOTT, 1995, p. 40). Ter o entendimento sobre a questão de gênero significa reconhecer que tanto o homem como a mulher são: “categorias vazias e transbordantes, pois que, quando parecem fixadas, elas recebem, apesar de tudo, definições alternativas, negadas ou reprimidas” (SCOTT, 1995, p. 19).

Outra questão a ser destacada, diz respeito à autobiografia, em que, as mulheres raramente escrevem sobre si mesmas. Sobre essa questão, a historiadora Margareth Rago destaca:

> Como conhecer suas experiências, sua interpretações do passado, sua leituras dos acontecimentos vividos, quando as mulheres, tão marcadas pelo sentimento de abnegação [...] dentre os vários desafios para se escrever a história das mulheres a partir de seus próprios olhares, o silêncio é indubitavelmente o principal obstáculo (RAGO, 2013, p. 206).

Escrever sobre mulheres, sobretudo no que e refere ao trabalho biográfico, se torna um grande desafio pelo silêncio e invisibilidade dado a diversas mulheres. Contudo, se faz de extrema importância, pois é uma das formas de proporcionar voz a elas, reconhecendo suas experiências e construindo uma memória histórica. Produzir biografias femininas, da mesma forma que escrever a história das mulheres, seria portanto:

> Uma questão de reconhecimento social e de direitos [...] uma maneira de contrapor-se às formas de normalização imperantes em nossa cultura, que assignam identidades e constroem estranhas classificações sociais, sexuais ou étnicas (RAGO, 2013, p. 210).

Normalmente o protagonismo feminino fica no esquecimento. Essa ausência de mulheres que obtiveram destaque ou representação social evidencia que a memória, a narrativa histórica é normalmente masculinizada. Portanto, entendemos a importância de escrever sobre mulheres, para conhecer e reconhecer suas



experiências de luta e superações vivenciadas, para o enriquecimento do conhecimento histórico que, em geral, é contada no masculino.

Margareth Rago e Michelle Perrot, além de outras teóricas que trabalham o contexto feminino, apontam diferenças em relação à memória no momento em que trabalhamos a biografia feminina. Nesse sentido, as historiadoras Tânia Regina Zimmermann e Márcia Maria de Medeiros, afirmam que a: "Memória esta atenta, à subjetividade e às emoções e que pouco tem sido aceita pela historiografia permeada pelo machismo e autoritarismo" (ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004, p. 39).

Maria do Carmo Barreto Campello de Melo: uma mulher que se fez poesia

A Gaiola

E era a gaiola e era a vida era a gaiola
e era o muro a cerca e o preconceito
e era o filho a família e a aliança
e era a grade a fila e era o conceito
e era o relógio o horário o apontamento
era o estatuto a lei e o mandamento
e tabuleta dizendo é proibido.

E era a vida era o mundo e era a gaiola
e era a casa o nome a vestimenta
e era o imposto o aluguel a ferramenta
e era o orgulho e o coração fechado
e o sentimento trancado a cadeado.

E era o amor e o desamor e o medo de magoar
e eram os laços e o sinal de não passar.
E era a vida era a vida o mundo e a gaiola
e era a vida e a vida era a gaiola (MELO, 2009, p.89).

Para nós, é imprescindível biografar Maria do Carmo, sem iniciar com uma de suas poesias, tendo em vista, o sentimento e envolvimento sobre seus conceitos e perspectivas demonstradas em suas obras. "A Gaiola" publicada pela primeira vez em 1968 representa os conflitos, prisões, ou melhor, as "gaiolas" em que a sociedade recifense vivenciava naquele momento. Pode representar o universo do privado e as grades que podem ser os limites dos espaços a todos. As obras da escritora refletem perspectivas que a mesma atribuía ao contexto social, cultural e



religioso no século XX. Seus temas poéticos giram em torno do seu "Eu", da solidão, do silêncio, sendo recorrente também, o amor conjugal, maternal, familiar.

Quando pretendemos falar de suas poesias, a liberdade é o estado de espírito que melhor representa a produção dos seus versos, sua escrita não segue padrões métricos, seus versos são livres e a sonoridade é o fator determinante na composição. Católica praticante, ela afirmava que a inspiração é um dom do Espírito Santo e suas obras apresentam muito de sua fé e religiosidade católica, sendo este, portanto, um de seus principais temas.

A autora escreveu um total de treze livros, são eles: "Música do Silêncio - 1º Momento: Os Símbolos" (1968), "2º Momento: Os Sobreviventes" (1968), "Música do Silêncio - 3º Momento: Ciclo da Solidão" (1971), "Música do Silêncio - 4º Momento: O Tempo Reinventado" (1972), "VerdeVida: O Tempo Simultâneo" (1976), "Música do Silêncio - 5º Momento: As Circunstâncias" (1976), "Ser em Trânsito" (1979), "Miradouro" (1982), "Partitura Sem Som" (1983), "De Adeus e Borboletas" (1985), "Retrato Abstrato" (1990), "Solidão Compartilhada" (1994), "Visitação da Vida" (2000) e "A Consoada" (2003). E, em 2009, um ano após seu falecimento, a sua neta Ana Flávia Campello de Melo, reuniu as poesias de todas suas obras e as publicou no livro "Sempre poesia, obras completas".



Imagem 1: Maria do Carmo Barreto Campello de Melo.

Maria do Carmo Barreto Campello de Melo nasceu na cidade do Recife, no dia 21 de julho de 1924. Passou sua infância no Antigo Engenho da Torre, o atual



Bairro da Torre. Filha do jurista e professor Francisco Barreto Campello e de Lilia Araújo Barreto Campello. Fez bacharelado em Letras Clássicas e licenciatura em Didática de Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE); além disso, realizou cursos de Especialização e Aperfeiçoamento em Literatura e Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Entre seus títulos e funções, destacamos: foi imortal pela Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira nº 29, que tem como patrono Padre Gomes Pacheco; acadêmica emérita da Academia Pernambucana de Artes e Letras; membro efetivo do Seminário de Tropicologia; membro da Associação de Imprensa de Pernambuco; sócia da União Brasileira de Escritores (UBE-PE); correspondente da ABRARTE Cultura Artística de Petrópolis; colaboradora do Núcleo Freyriano da Fundação Gilberto Freyre; técnica em Comunicação Social e redatora do Serviço Público na SUDENE; professora de Latim, Português, Literatura Portuguesa e Brasileira; ocupou os cargos de Técnica em Assuntos Culturais da FUNDARPE e de Chefe do Serviço da Delegacia do MEC-PE; consultora Literária da Comissão de Linguística da Academia Pernambucana de Letras; e também contribuiu durante três anos para o "Jornal do Commercio", no qual era responsável por uma coluna intitulada "Nossa Página".

A escritora foi casada com o engenheiro e fotógrafo José Otávio de Melo, tendo com ele oito filhos: Carlos Alberto Barreto Campello de Melo, Paulo Barreto Campello de Melo, José Otávio Barreto Campello de Melo, José Geraldo Barreto Campello de Melo, Antônio Luis Barreto Campelo de Melo, Miguel Otávio Barreto Campello de Mello, Paulo Fernando Barreto Campello de Melo, Marcus André Barreto Campello de Melo e Lília Maria Barreto Campello. Carminha, como era carinhosamente chamada, era a grande matriarca da família Barreto Campello de Melo, sempre orquestrando a harmonia e aconselhando a todos que nela buscavam soluções de seus problemas, como nos mencionou seu filho, Carlos Alberto Barreto Campello de Melo.

Trajetória em memórias

O seu filho, Carlos Alberto Barreto Campello de Melo, atua como arquiteto e professor da Universidade de Pernambuco e da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Em entrevista concedida a nós, ele menciona como a escritora se



comportava perante aos familiares e suas perspectivas sociais, políticas e poéticas. Para ele, é inegável o qual forte a religiosidade fazia parte da vida de sua mãe, pois em suas poesias três temas são fundamentais: a família, a solidão e o sentimento religioso. Afirma ainda que, ela mesma mencionava que seus escritos vinham do divino Espírito Santo, sendo a inspiração e o dom da escrita vindo dele, além de suas poesias, se dedicava fielmente a família e a caridade. Segundo ele:

> A poesia dela tinha um sentimento religioso muito forte, ela trabalhava com os escritos mais de madrugada, porque se dedicava durante o dia a família e ao projeto (projeto arte e vida). Ela disse que nunca fez um poema sem antes rezar o espírito santo. Então a gente (os filhos) tem a interligação nela dessa expressão de uma religiosidade e de uma fé que não era somente uma expressão íntima mas era uma fé viva, ela se consumia cuidando dos pobres, se consumia cuidando da família e de meu pai [...]"Quanto a poesia a gentia via três temas. Um é a solidão, era recorrente até em título de livros, outro era a família e a religião" (ENTREVISTA de Carlos Eduardo Gomes, 2019).

Sobre o envolvimento poético, também era incluso a família, principalmente em datas comemorativas, havia recitais e jograis. A poesia era seu exercício vital, sua motivação diária. Sem deixar a família de lado, se dedicava a poesia geralmente durante a madrugada, o cuidado pela família se viu como uma grande marca de Maria do Carmo. De acordo com Carlos Alberto, ela só trabalhava com suas poesias após todos estarem dormindo e de saber que todos estavam bem, até mesmo os filhos casados. Seu filho também nos mencionou sobre o fato dela ser uma mulher firme em seus preceitos, seja no contexto religioso, social ou político, mesmo não concordando com o próximo, ela acolhia, aconselhava.

Muito do que a intelectual vivenciava era reproduzida em suas obras, a religiosidade e caridade que ela tanto se dedicava, são representadas em seus versos. Ela atuava em pró daquilo que acreditava, como exemplo, o projeto Arte e vida, do qual, integrou como coordenadora de literatura, que tinha por o objetivo tirar crianças e adolescentes da convivência com a violência e o tráfico de drogas por meio da arte e valorização da autoestima. Atuava pelas redondezas do centro do Recife como o Coque e Santo Amaro. O projeto auxiliava meninos e meninas com idades entre sete e dezessete anos, que recebem aulas de reforço, teatro, literatura, música, dança e artes plásticas. Foi atuando nesse projeto



que ela conheceu em 2002, na Escola Municipal Professor José da Costa Pinto, o amigo Eduardo Gomes da Silva, o qual nos fez o seguinte relato:

> Ela estava lá na escola, juntamente com a equipe da coordenação do Arte e Vida, selecionando as crianças e adolescentes que entrariam para o projeto. Eu estudava no turno da noite, até hoje não lembro o que fui fazer na turma da manhã na escola naquele dia. Sei que cheguei e a diretora gritou: "olha ele ali. Eduardo, vem aqui!" e nos apresentou. A diretora sabia que eu gostava de escrever poesias e havia falado de mim para Maria do Carmo. Nesse dia, ela também não sabia o motivo, estava levando um de seus livros (visitação da vida) e me presenteou, fazendo uma dedicatória, foi meu primeiro livro autografado, fiquei tão emocionado. Aí ela me chamou para fazer parte do projeto. Nunca mais a gente se separou. Fizemos lindos trabalhos juntos (ENTREVISTA de Carlos Eduardo Gomes, 2019).

Como vimos acima, ele relata como se deu seu primeiro contato com Maria do Carmo. Percebem-se a partir de sua fala, alguns aspectos que demonstram intenso afeto pela escritora, como a emoção sentida ao obter o primeiro contato com a mesma. O projeto Arte e vida foi o ponto de início para a amizade de ambos. Durante alguns anos, ela se dedicou para alunos/as, como Eduardo, realizando algumas atividades, de modo a apresentar-lhes a educação como uma saída para a dura realidade em que viviam. O mesmo menciona ainda, que muito do que conquistou em sua vida, deve-se a ela, pelos momentos de estudo e amadurecimento profissional. Pois, a partir dela, conseguiu se encontrar academicamente, além do acesso, até contato com escritores regionais e nacionais:

> No Projeto Arte e Vida, dividimos a mesma sala de aula por seis anos (eu era seu monitor), quando ela optou por se afastar para melhor oferecer cuidados ao esposo, deixando-me como o professor titular da cadeira de Comunicação e Linguagem. Uma responsabilidade que inicialmente assustou-me, mas eu havia sido bem preparado por ela, alimentando-me das melhores fontes de nossa literatura. Foi através de Maria do Carmo que comecei a frequentar a Academia Pernambucana de Letras – APL, com seu então presidente Waldênio Porto; a Academia Pernambucana de Artes e Letras – APAL, com suas reuniões no Memorial da Medicina, presidida pela querida Teresa Magalhães. Também foi através de Carminha que tive acesso aos grandes escritores do cenário estadual, nacional e mantive (e mantenho) excelentes amizades: Ariano Suassuna, Lourdes Sarmento, Raimundo Carrero, Marcus Accioly, Alberto da Cunha Melo, Leni Amorim, Lourdes Nicácio, Cyl Galindo, Waldemar Lopes, Aluízio Furtado de Mendonça, Fátima Quintas, Lucilo Varejão Neto, Francisco



> Bandeira de Melo e tantos outros acadêmicos e grandes poetas/escritores. Fui levado pelas mãos dela em diversos lançamentos de livros, declamando poesia na maioria deles (ENTREVISTA de Carlos Eduardo Gomes, 2019).

Carlos Eduardo atualmente é pedagogo, cientista social e cursa Letras na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) No ano de 2016, publicou seu primeiro livro “Mosaico de Sensações”, no qual, faz uma homenagem a Maria do Carmo, sua grande inspiração, dedicando-lhe o poema intitulado “Carminha”, fazendo referencias de sua convivência com a escritora e seus familiares:

> Madrugadas poéticas
> A sopa trazida por Nete
> A mesa de madeira de lei
> O pequeno quarto de estudo
> Os livros muitos
> A leitura
> A escolha das frases
> Jograis
> Poetas
> A hora de Daniele
> Os cuidados com seu José
> O apoio de Xavier,
> Gilberto
> Lília que vai chegar
> O orgulho por Paulo e a arte na medicina
> A fome dos pobres para saciar
> A dedicação
> O amor
> Geninha, para dramatizar poemas
> Adriano para enlouquecê-los
> E o olhar bem depois do horizonte.
> A Academia de Letras
> A posse dos Acadêmicos
> A Consoada ilustrado por Isabela
> O melhor ser humano
> Que conheci na vida
> O silêncio (SILVA, 2016, p. 133).

Como podemos observar a poesia acima citada, demonstra sua convivência com a imortal e sua relação com a família da mesma, na qual, menciona sobre a dedicação de Maria do Carmo para seu trabalho poético, de caridade e familiar. As madrugadas recorrentes estudando e fazendo suas leituras para seus poemas e, o orgulho e amor que sentia pelos/as seus/as filhos/as.



Considerações finais

Para nós, esse artigo, apesar de inicial, proporciona considerações significativas para a representação e vida da poetisa pernambucana Maria do Carmo Barreto Campello de Melo. No entanto, pretendemos noutro momento, aprofundarmos em algumas considerações para um maior enriquecimento sobre a memória histórica e social dessa personagem. Entendemos a importância do trabalho biográfico, ainda mais, quando o mesmo está relacionado à narrativa das mulheres, proporcionando contribuições para uma maior visibilidade das mulheres na História.

A imortal aqui analisada deixou um vasto legado para o contexto literário pernambucano, tanto a partir de suas obras, quanto desenvolvendo e participando de atividades intelectuais no cenário recifense. Não podemos esquecer as ações de caridade, como foi o caso do projeto Arte e Vida, através do qual, conquistou crianças e adolescentes a partir de sua forma afetiva, dedicação e disposição para com eles/as, como foi o caso de Carlos Eduardo.

Por fim, tivemos por objetivo nesse trabalho, trazer a representação e importância da poetisa que muitas vezes se torna invisibilizada apesar de seus inúmeros feitos. As mulheres sempre participaram da vida literária e histórica, no entanto, sempre estiveram nas sombras dos homens, lugares estes, de domínio e legitimação, encarregada principalmente de homens letrados.

Historiadores e cronistas “implicou num uso e abuso do poder simbólico em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade ligadas diretamente aos triunfos, aos grandes atos heroicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder” (TEDESCHI, 2016, p. 154). A escrita e o saber durante longo tempo foram atribuídos como formas de poder e exclusão em meio ao silenciamento de diversas mulheres inclusas na sociedade patriarcal, machista e sexista.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004. v. 1.

DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: Uma janela para a História. **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, a. 171, v. 448, p. 179-197, jul./set. 2010. Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-448/item/108377-biografia-biografados-uma-janela-para-a-historia.html>. Acesso em: 20 set. 2019.



ENTREVISTA de Carlos Alberto Barreto Campello de Melo (concedida a Bruna Caroline da Silva). Recife, 29 de Outubro, 2019.

ENTREVISTA de José Eduardo Gomes Silva (concedida a Bruna Caroline da Silva). Recife, 31 de Outubro, 2019.

MELO, Ana Flávia Campello de Melo. **Sempre poesia**: Obras Completas Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo. Recife: EDUPE, 2009.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismo, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 16 out. 2019.

SILVA, José Eduardo Gomes. **Panegírico em Louvor à Maria do Carmo Barreto Campello de Melo**. Recife, PE. Antologia Academia de Letras do Brasil, 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217/2737>. Acesso em: 16 out. 2019.

ZIMMERMANN, Tania Regina; MEDEIROS, Marcia Maria de. Biografia e gênero: Repensando o feminino. **Revista de História Regional**, v. 9, n. 1, p. 31-44, 2004. Disponível em:<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2194/1672>. Acesso em: 20 set. 2019.